

Considerações Finais

Há quase dez anos, desenvolvo trabalhos em comunidades populares, quer como supervisora, como coordenadora de projetos ou como psicóloga. A proposta desta pesquisa surgiu a partir de minhas inquietações na experiência de campo em Vespasiano (MG), desempenhando as duas primeiras funções citadas, e devo assumir que a família foi apenas uma dentre muitas outras questões que me sensibilizaram. Porém, percebi uma diversidade de angústias e aflições, tanto nas pessoas assistidas no projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família*, quanto nos estagiários que dele fizeram parte (inclusive pela própria vivência revelada por eles de estarem tão próximos de pessoas em situação de infortúnios diversos). Apesar de não ter tido um contato direto com aquelas pessoas através de atendimentos psicológicos, o seu sofrimento pela falta de recursos, pelo desrespeito e pré-conceito de alguns profissionais em relação a elas e pela desvalorização de si mesmas, além das mazelas decorrentes de todo esse contexto, me mobilizaram profundamente. Se o entorno abandona ou priva pessoas tão carentes da satisfação de suas necessidades mínimas, como a família se faz presente? Ou ausente, em alguns casos?

Mesmo depois de ter encerrado o projeto de extensão, durante o Doutorado, eu dizia que eu tinha saído de Vespasiano, mas que Vespasiano não tinha saído de mim, especialmente na ebulição das questões sobre as possíveis contribuições do psicólogo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas desse segmento social. Apesar da expectativa de voltar àquele município para a realização da pesquisa, o desejo de atuar como psicóloga clínica numa comunidade popular me levou ao Conjunto Santa Maria, cujas portas foram abertas para mim pelo Padre Danilo, na Paróquia São Brás. O desempenho nessa nova função enriqueceu minha experiência exponencialmente (e também as minhas antigas questões).

Uma decorrência dessa maior proximidade com a comunidade (não só com as pessoas atendidas, mas também com aquelas que conheci através do convívio naquele local), foi o incômodo que passei a sentir com o título desse estudo,

proposto no projeto de pesquisa: Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família em contexto de pobreza. É claro que eu estava me referindo à condição do baixo poder aquisitivo daquelas pessoas, mas elas são tão ricas em outras dimensões da vida, que a palavra “pobreza” no título, me deixou desconfortável. Isso se acirrou quando me deparei com um cartaz afixado numa escola estadual em Brasília (DF), cujas palavras escolhi como epígrafe, onde estava escrito: “Não somos pobres, apenas não temos algumas coisas materiais”. Ao refletir sobre isso, constatei que, se por um lado não se pode tomar o todo pela parte, chamando os moradores de comunidades populares de pobres, por outro, o fato de pertencerem a esse contexto implica em peculiaridades e em experiências que as famílias de outros segmentos sociais não possuem e não podem ser desconsideradas, como por exemplo, situações de exclusão e de preconceitos (além, é claro, daquelas decorrentes da falta de recursos financeiros para a sobrevivência). As penúrias, privações e carências são muitas, mas, quando devidamente consideradas, maiores são a sabedoria, as capacidades, o potencial para crescimento, a fé em Deus que sustenta a esperança de dias melhores, a resiliência e a experiência adquirida na superação das adversidades da vida. Foi assim que decidi priorizar o contexto, a comunidade popular com suas características aqui descritas, e não uma parte dela, a pobreza, e alterar o título do trabalho, de modo mais pertinente com o meu enfoque.

Outrossim, testemunhar, ainda que parcialmente, as histórias de vida descortinadas semanalmente por cada pessoa que me procurava no serviço de plantão psicológico fortaleceu em mim a importância da investigação de família do modo como eu estava propondo no Doutorado: a partir da perspectiva da sua vivência.

Após essa experiência de pesquisa com pessoas moradoras em uma comunidade popular, entendo que este trabalho se constitui num recorte mínimo de um campo extremamente amplo por sua riqueza, diversidade e complexidade. Mesmo assim, pelos resultados obtidos, considero que uma das suas contribuições é a confirmação da importância da compreensão fenomenológica da vivência de família. Conforme explicitada anteriormente, a vivência, no presente trabalho, foi concebida como a repercussão no indivíduo das suas conexões com o mundo, enquanto um ser *ex-istente*, que está-aí, antes de qualquer elaboração racional. Nesse sentido, ela serve como uma referência fundamental que nos dá o sentido

das coisas do mundo, de modo irrefletido, e sustenta o modo pelo qual nos posicionamos na vida.

A compreensão da vivência de família de pessoas moradoras do Conjunto Santa Maria, enquanto uma comunidade popular, revelou aspectos importantes, expondo-nos os elementos essenciais em relação a esse tema, de uma forma “iluminada desde dentro”, como sustenta Lersch (1971), inclusive na sua proposta do círculo funcional das vivências. Assim, por exemplo, a partir da vivência que a Sra. Tânia tem de Deus, como elemento estruturante da sua vivência de família, enquanto aquele que é a base, que oferece a orientação e o amparo a ela, podemos compreender como se sustenta a sua postura de arrimo, enquanto o membro da família que é a fortaleza, que segura as dificuldades, que se envolve com os problemas da família, assumindo a responsabilidade por encontrar solução para eles. Ou ainda, em relação à forma como a música é vivenciada por ela, enquanto um fator de comunhão, de reconciliação, de interação, dentre outros aspectos, todos estreitamente vinculados às qualidades essenciais que ela atribui à essência de família, como a união, a afetividade, a cooperação e o apoio. Assim, a música é como se fosse um fio, a alinhar toda a família, ativando as vivências positivas que mantêm o equilíbrio do grupo familiar.

Por outro lado, a Sra. Aparecida, na sua vivência, prioriza, essencialmente, os aspectos qualitativos das relações familiares: presença, diálogo, afetividade e escuta. Os elementos desestruturantes ou os problemas familiares enfrentados também possuem, em sua maioria, esse viés (violência, conflitos entre os familiares, falta de escuta, de afetividade e de diálogo), situações estas experimentadas por ela, em algum grau, em sua história pessoal. Entretanto, na sua postura diante da comunidade, seu trabalho é, justamente, em prol do fortalecimento da família, através do resgate e do desenvolvimento dessas qualidades junto às pessoas que assiste (especialmente as mães, as quais possuem uma conotação diferenciada na sua vivência familiar). Ela chega até a afirmar que a sua história (ou seja, as vivências em relação à família) ajuda em seu trabalho na comunidade.

Finalmente, podemos ilustrar a importância da compreensão das vivências para o conhecimento pessoal mais profundo em relação ao Sr. Adão através de repercussão que ele deixou transparecer sobre a importância da figura paterna. Ele diz, textualmente, que não teve pai (não ficou claro se este morreu ou se saiu de

casa), mas confirma constantemente a falta que sofreu por tal ausência enquanto filho. Também ratifica a necessidade da presença paterna para o bom desenvolvimento dos filhos. Trata-se de uma figura de referência, que serve como modelo para os filhos, com responsabilidades importantes e únicas no grupo domiciliar (aplicação de regras e limites, orientação dos filhos nas questões masculinas, divisão de tarefas com a mãe, etc.), além de ser o principal responsável pela provisão financeira, dentre outras funções. Suas vivências sobre o pai revelaram-se tão intensas, que ele expressa um grande conflito entre reproduzir essa ausência, pelo excesso de trabalho (que, inclusive, é o mesmo de seu pai), e a autocrítica constante que realiza sobre a repercussão negativa desse afastamento no desenvolvimento dos seus próprios filhos. Também merece destaque o fato de que essas vivências se fazem presentes também no cotidiano de sua atividade profissional, pois, enquanto membro do conselho tutelar, trabalha ativamente em prol da melhoria da qualidade de vida das famílias da comunidade, tanto em relação aos aspectos intrafamiliares, quanto na conquista de projetos comunitários que contribuam para a realidade da população local.⁵

Como conclusão, entendo que a compreensão das vivências é fundamental na elaboração de estratégias de assistência às comunidades populares, pois ela nos revela “o que vem de dentro”, o que é essencialmente fortalecedor e enfraquecedor nas relações entre as pessoas e o mundo. Ela acrescenta o viés singular daqueles a quem se quer beneficiar com qualquer proposta de amparo ou auxílio.

Assim, por exemplo, de acordo com a ênfase dada aos aspectos referentes às relações familiares captadas nos depoimentos, ao se pretender desenvolver um projeto de assistência psicológica junto às famílias de comunidade popular, entendo ser importante a oferta de um espaço onde as pessoas possam desenvolver e exercitar as qualidades facilitadoras das relações interpessoais e da expressão dos afetos. É obvio que há uma demanda imensa por programas de complementação de renda e de geração de trabalho, como aqueles de capacitação profissional. Também são de grande valia para essa parcela da população as ofertas de serviços jurídicos e de outros, de natureza cultural e esportiva, por exemplo. Entretanto, no que se refere à contribuição da psicologia, penso que o

⁵Essa afirmação se baseia no meu contato pessoal com o Sr. Adão, em função da assistência psicológica prestada por mim à comunidade. Portanto, não se refere a dados coletados na pesquisa.

trabalho com grupos pode promover o desenvolvimento das habilidades sociais básicas dentro e fora da família, tais como a capacidade de se expressar, de ouvir a perspectiva alheia ou de dar *feed-back*, dentre tantas outras.

Outra consideração decorrente desse estudo sobre a vivência de família refere-se à importância da adoção, por parte do psicólogo, de uma postura de valorização do potencial e das capacidades das pessoas mais simples, pois se, para qualquer pessoa, isso melhora a auto-imagem e, conseqüentemente, a auto-estima delas, no caso delas há um diferencial. Por sua condição social e de moradia, muitas vezes, são desqualificadas em seu saber e em seu potencial. Não se trata de um saber adquirido nas instituições de ensino, mas na escola da vida, que também as qualifica para o desenvolvimento pessoal (só que sem diploma e, por isso, tão desvalorizado por muitos “doutores”). A importância de se contemplar o seu contexto, de reconhecer e de legitimar o seu conhecimento, a sua cultura e os seus valores intelectuais e espirituais, sem querer enquadrá-la nos moldes vigentes de família, de saúde e de cultura, confirma suas origens, e fortalece seu senso de pertencimento ao seu grupo de referência e, conseqüentemente, sua identidade.

Finalmente, apesar das considerações sobre o mérito do estudo da vivência da família para o desenvolvimento de projetos e programas de assistência comunitária e sobre as possíveis contribuições do psicólogo na assistência à comunidade, inclusive no valor dos grupos na capacitação das habilidades interpessoais de seus participantes, grandes inquietações se fazem presentes em mim no desfecho deste trabalho. A diversidade de elementos que compõem a vivência de família revelada nesta pesquisa me instiga a aprofundá-los em pesquisas posteriores. Assim, um estudo fenomenológico sobre a importância da religião, ou das funções paterna e materna na vivência de família, aprofundaria os temas aqui apresentados e abriria novas perspectivas. Também se faz presente outra questão: uma pesquisa com objetivo semelhante ao desta, realizada com pessoas que pertencem a uma família menos estruturada do que aquelas dos entrevistados por mim, neste estudo, apresentariam unidades de significado semelhantes? Outra possibilidade seria pesquisar especificamente os elementos desestruturantes da vivência de família e seus desdobramentos na vida pessoal. Considerando-se que a ênfase dos entrevistados foi sobre a díade pai/mãe, entendo que pesquisar a vivência do casamento, nesse contexto, também seria de extrema importância.

Enfim, a presente pesquisa, longe de esgotar o assunto que pretendeu investigar, abre diversas possibilidades de aprofundamento e investigação acerca dos elementos fundantes da vivência de família das comunidades populares. Assim, as considerações aqui apresentadas são finais em relação a esse trabalho, mas, definitivamente, estão longe de serem conclusivas.